INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

MAURO SÉRGIO CARVALHO E SILVA

A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA PARA A LIBERDADE, EM ROUSSEAU, NA OBRA EMÍLIO

Teresina
2012

MAURO SÉRGIO CARVALHO E SILVA

A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA PARA A LIBERDADE, EM ROUSSEAU, NA OBRA EMÍLIO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado como pré-requisito à obtenção da Licenciatura Plena em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho.

Teresina
2012

ICESPI - Biblioteca
9327 | 27/02/2013

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA PARA A LIBERDADE, EM ROUSSEAU, NA OBRA EMÍLIO

Data:____/____/____

Profº. Ms. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho
Orientador

BANCA EXAMINADORA

1° LEITOR:_____
2° LEITOR:_____

Dedico este trabalho a todos aqueles que foram meios e de certa forma inspiração para o conhecimento adquirido. De modo especial ao meu orientador Profº. Ms. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho.

Dedico este trabalho a todos aqueles que foram meios e de certa forma inspiração para o conhecimento adquirido. De modo especial ao meu orientador Profº. Ms. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho.

Agradeço a "Deus", que me deu forças e me considerou digno de confiança. A minha família e meus amigos(as) pela compreensão, carinho e amor. Aos meus professores pela dedicação e paciência, nos proporcionando conhecer a Filosofia de maneira sistemática e dinâmica. Aos meus colegas de turma pela ajuda em vários momentos de nossa caminhada. Ao milagre de poder todos os dias ao acordar, abrir meus olhos e perceber que me foi dado uma nova oportunidade para recomeçar, nova chance de acertar e corrigir aquilo que ontem deixei de realizar.

RESUMO

SILVA, Mauro Sério Carvalho e. **A educação da criança para a liberdade, em Rousseau, na obra Émilio**. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Licenciatura Plena em Filosofia. ICESPI. Teresina.

Construir a partir da educação natural de Rousseau, elencando e relacionando as obras do filósofo principalmente Emílio ou da Educação como contraponto de análise para a educação infantil atual é tarefa a ser apresentada. Mostrar os aspectos sociais, político que a sociedade do século XVII e XVIII apresentava e a fundamentação educativa que Rousseau apresentou, como sendo uma nova maneira de pensar a criança e sua infância, não mais como sendo um "adulto em miniatura", mas sim deixando de forma natural desenvolver seu processo educativo, mas com acompanhamento e regramento do adulto. E para finalizar apresento um contraponto entre a realidade da educação infantil atual e a possibilidade de aprofundamentos, principalmente no pensamento pedagógico de Rousseau para o contexto atual.

PALAVRAS CHAVE: Rousseau, Educação Natural, Fundamento da Educação.

ABSTRACT

SILVA, Mauro Sério Carvalho e. **A educação da criança para a liberdade, em Rousseau, na obra Émilio**. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Licenciatura Plena em Filosofia. ICESPI. Teresina.

To construct mainly from the natural education of Rousseau, lentando and relating the workmanships of the philosopher Emilio or the Education as counterpoint of analysis for the current infantile education is to be presented task. To show the social aspects, politician who the society of century XVII and XVIII presented and the educative recital that Rousseau presented, as being a new way to think the child and its infancy, not more as being a "adult in miniature", but yes leaving of natural form to develop its educative process, but with accompaniment and rearmament of the adult. E to finish I present a counterpoint enters the reality of the current infantile education and the possibility of deepenings, mainly in the pedagogical thought of Rousseau for the current context.

KEY WORD: Rousseau, Natural Education, Bedding of the Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....08

CAPÍTULO I.....10

1. A EDUCAÇÃO SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU.....10

1.1. Rousseau e o movimento iluminista.....17

1.2. O projeto de educação natural no contexto iluminista.....19

CAPÍTULO II.....21

2. A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DE ROUSSEAU....21

2.1. Educação natural em Rousseau.....22

2.2. Um educador reflexivo.....28

2.3. Concepção de infância.....29

CAPÍTULO III.....33

3. PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS PARA UMA EDUCAÇÃO RENOVADA A PARTIR DA CONCEPÇÃO EDUCACIONAL ROUSSENIANA.....33

3.1. Um projeto de educação sistemático e responsável.....36

CONCLUSÃO.....40

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....42

INTRODUÇÃO

A proposta do tema: A educação da criança para a liberdade, em Rousseau, na obra "O Emílio" tem como objetivo fazer uma atualização do pensamento pedagógico de Jean-Jacques Rousseau na atual conjuntura educacional brasileira. A instituição escolar não existiu sempre, e sua natureza e importância variaram no tempo, dependendo das necessidades socioeconômicas dos grupos em que esteve inserida.

As críticas feitas à escola tradicional denunciam a sua incapacidade de atender às necessidades de um mundo em constante mutação, no qual a ciência e a tecnologia tornam ainda mais complexa à função do educador. A escola adquire, cada vez mais, um papel insubstituível como instância mediadora, ao estabelecer o vínculo entre as novas gerações e a cultura acumulada, sobretudo à medida que a sociedade contemporânea tem-se tornado cada vez mais complexa.

Na atual conjuntura educacional nacional o pensamento de Rousseau permanece vivo influenciando em seus comportamentos. Segundo Ele, o homem nasce bom, mas é corrompido pela sociedade. Diante desta leitura, é necessário lançar um olhar mais crítico com a seguinte pergunta: Até que ponto a sociedade em vista da liberdade e bondade vinda dentro do homem o corrompe, estragando assim pensamentos e comportamentos? Rousseau, se vivo estivesse, ao escrever o livro "Emílio", voltaria a afirmar com veemência que: Não se deve treinar uma criança quando não se sabe conduzi-la aonde se quer, somente através das leis do possível e do impossível, cujas esferas, sendo-lhe igualmente desconhecidas, podem ser ampliadas ou restringidas diante dela como melhor convier.

Pode-se prendê-la, impedi-la ou detê-la sem que ela se dê conta, somente através da voz da necessidade. E pode-se torná-la mansa e dócil somente através da força das coisas, sem que nenhum vício tenha condições de germinar em seu coração, porque as paixões nunca se acendem quando são vãs em seus efeitos. Diante de tais reflexões, este trabalho pretende de certa forma analisar o pensamento de Rousseau com relação a esta temática. O presente trabalho não tem a pretensão de esgotar as reflexões sobre esta realidade tão dolorosa do processo ensino-aprendizagem com crianças, mas, da educação em que experimentam e

vivenciam no labor de suas vidas, de forma que o leitor identifique os labirintos traçados pelos educadores para que esta realidade ainda permaneça em nossas escolas.

A realidade é o ponto de partida de Rousseau, que através desta, elabora sua estratégia e, com ela, reflete como se pode alcançar o objetivo planejado. Reelaborar os objetivos, partindo desse pressuposto, e finalmente pensar nas táticas que podem lhe ajudar na concretização de suas metas, a saber, fazer com que as crianças sejam melhor instruídas e educadas, sendo estes seus pensamentos e sua preocupações, que consequentemente, nortearam seu pensar ao elaborar "O Emílio".

CAPÍTULO I

1. A EDUCAÇÃO SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU

A biografia de Rousseau é a de existência pouco comum: difícil, movimentada, muitas vezes errante e socialmente marginal. Nascido em Genebra numa família calvinista, de um pai relojoeiro, aos 16 anos, para escapar da "tirania" do gravador de quem era aprendiz, Rousseau foge e se instala na França, onde exerce as mais variadas profissões e vive as condições sociais mais contrastantes: é sucessivamente aprendiz, lacaio, preceptor, secretário do embaixador da França em Veneza... Sua obra, de uma diversidade excepcional (dramática, polêmica, lírica, filosófica...) aparece no espaço de dezesseis anos, com exceção das obras autobiográficas, que são póstumas. Após a publicação da obra Emílio é rechaçado ao mesmo tempo pela França católica e pela Suíça protestante: apedrejado em Motiers, expulso da ilha de Sainti-Pierre, exila-se na Inglaterra. A partir de então viverá como proscrito, na aflição e na desconfiança, crendo-se alvo de todas as perseguições (BARAQUIN, Noëlla. Dicionário dos filósofos, 2007, p. 261-262).

> Rousseau foi lido, compreendido, admirado por seu contemporâneo, o grande filósofo Emmanuel Kant, que lhe deve o desenvolvimento de seu próprio pensamento. Kant mostrou que Rousseau era, como Platão, um dos "guias que conduzem para o grande objetivo, a derradeira perfeição: a sociedade das nações". Recebeu dele a ideia de fraternidade entre todos os homens, ao passo que os eruditos ou pensadores se considerem em geral "intelectuais" muito acima do povo (HUISMAN, Denis. Dicionário do filósofos, 2001, p. 839).

A etimologia da palavra educação é um dos alicerces para esta pesquisa que será abordada nos próximos capítulos e ajudará a adentrar-se nos objetivos propostos. Apropriando do seu sentido etimológico será alcançado à expressão do radical e do real sentido da palavra "**Educação**". De acordo com o termo educação (latim: educatio – educação) designa-se a transmissão e o aprendizado das técnicas culturais, que são as técnicas de uso, produção e comportamento mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto, de modo mais ou menos ordenado e pacífico. (ABBAGNANO, 1999, p. 357).

Pode-se constatar na pesquisa que a Educação possui duas formas fundamentais: primeiro, a que simplesmente se propõe transmitir as técnicas de trabalho e de comportamento que já estão em poder do grupo social e garantir sua relativa imutabilidade; segundo, a que, através da transmissão das técnicas já em poder da sociedade, se propõe formar indivíduos a capacidade de corrigir e aperfeiçoar essas mesmas técnicas.

O primeiro conceito de Educação, como se disse, é posto em prática pelas sociedades primitivas e também, parcialmente, nas sociedades secundárias, sobretudo no que tange à Educação moral e religiosa. No segundo conceito de Educação, a transmissão das técnicas já adquiridas tem sobretudo a finalidade de possibilitar o aperfeiçoamento dessas técnicas através da iniciativa dos indivíduos. Neste aspecto, a Educação é definida não como ponto de vista da sociedade, mas como ponto de vista do indivíduo: a formação do indivíduo, sua cultura, tornam-se o fim da educação. (ABBAGNANO, 1999, p. 358).

Para Jean-Jacques Rousseau, a educação deve ser progressiva. De tal forma que cada estágio do processo pedagógico seja adaptado às necessidades individuais do desenvolvimento. A primeira etapa deve ser inteiramente dedicada ao aperfeiçoamento dos órgãos dos sentidos, pois as necessidades iniciais da criança são principalmente físicas. Incapaz de abstrações, o educando deve ser orientado no sentido do conhecimento do mundo através de contato com as próprias realidades; os livros só podem fazer mal, como histórias de guerras, massacres, magia negra, pornografia e outros. Temos como exceção o livro do Robinson Crusoé, que relata as experiências de um homem livre, em contato com a Natureza. Assim como também livros históricos, paradidáticos, literatura, que tem ajudado a desenvolver o sentimento de nossas crianças. Isso é tão verdade no processo de ensino aprendizagem que o próprio Rousseau nos diz:

> Em primeiro lugar, não é a razão, mas o sentimento o verdadeiro instrumento do conhecimento; em segundo lugar, não é o mundo exterior o objeto a ser visado, mas o mundo humano. Ambos os aspectos vinculam-se intimamente e implica a passagem da atitude teórica para o plano da valorização moral (ROUSSEAU, Os Pensadores, vida e obra, 1978, p. 14).

Liberta da tirania das opiniões humanas, a criança, por si mesma e sem nenhum esforço especial, identifica-se com as necessidades de sua vida imediata e torna-se autossuficiente. Vivendo fora do tempo, nada precisando das coisas artificiais e não encontrando qualquer desproporção entre desejo e capacidade, vontade e poder, sua existência vê-se livre de toda ansiedade com relação ao futuro e não é atormentada pelas preocupações que fazem o homem adulto civilizado viver fora de si mesmo. Em todas as obras de Rousseau,

os processos educativos, tanto quanto as relações sociais, são sempre afrontados com a noção de liberdade, entendida por ele como direito e dever ao mesmo tempo: "... todos nascem homens e livres"; a liberdade lhes pertence e renunciar a ela é renunciar à própria qualidade de homem (Os Pensadores, p. 16).

Chalita ao descrever a criança no processo ensino-aprendizagem, diz:

> Deste modo, a criança que foi criada numa sociedade civilizada vai perdendo o contato com seus instintos naturais e sentimentos à medida que eles vão sendo reprimidos ou à medida que ela aprende, através de uma série de normas e conceitos abstratos, a não revelar certas emoções e a fingir outras. O resultado é a perda de contato consigo mesma e a necessidade de mostrar-se diferente do que realmente é. Depois vêm à falsidade, a hipocrisia e todos os outros vícios: "Um homem abandonado a si mesmo, desde o nascimento, entre os demais seria o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que nos achamos submersos abafariam nele a natureza e nada poriam no lugar" (CHALITA, 2004, p.282).

Em *Emílio,* Rousseau usa como exemplo o homem natural e defende uma pedagogia que siga a natureza. Na obra o personagem Emílio é afastado da sociedade corrupta até os 15 anos de idade, evitando qualquer corruptura da sociedade. Rousseau criou uma técnica inovadora: ao invés de reprimir as crianças ou discipliná-las como era feito na época, propõe uma educação que procura incentivar a expressão das tendências da criança. Dever-se-ia realizar essa educação no seio da família usando de amor e carinho para essa prática. E deixaria o aspecto teórico e racional para segundo plano. Portanto, conforme afirmam Reale e Antiseri (2004, p. 287):

> Não se deve treinar uma criança quando não se sabe conduzi-la aonde se quer, somente através das leis do possível e do impossível, cujas esferas, sendo-lhe igualmente desconhecidas, podem ser ampliadas ou restringidas diante dela como melhor convier. Pode-se prendê-la, impedi-la ou detê-la sem que ela se dê conta, somente através da voz da necessidade. E pode-se torná-la mansa e dócil somente através da força das coisas, sem que nenhum vício tenha condições de germinar em seu coração, porque as paixões nunca se acendem quando são vãs em seus objetivos.

Assim, o pensamento de Rousseau teve grande influência no desenvolvimento da pedagogia, a sua filosofia libertária foi uma das principais fontes de inspiração da Revolução Francesa. Repercutiu em diversas áreas como nos ideais políticos do comunismo e do anarquismo, nascidos no século XIX. Rousseau por valorizar as emoções, foi reconhecido o grande precursor do Romantismo, que é o movimento literário surgido no início do século XIX e que se caracterizou pelo predomínio dos sentimentos e da imaginação em relação à razão. Discutir a questão da infância e da família no campo da pedagogia constitui tarefa importante para evitar o recurso a padrões rígidos que pensam a educação a partir de um

modelo universal e atemporal da infância e de família. Não existe a "criança em si", nem a "família em si", mas sim a infância e a família como fenômeno cultural e, portanto, não estritamente biológico que, por conseguinte, muda no tempo e depende das transformações econômicas, políticas, tecnológicas. Mas não só. Justamente devido a essa influência múltipla é que as teorias pedagógicas precisam examinar que tipo de educação queremos e se está a serviço da humanização ou de simples conformismo ao *status quo.*

> Todos os progressos e prodígios humanos, que necessariamente não foram sempre positivos, advêm de um atributo denominado por Rousseau de *perfectibilidade*. Esse consistia na capacidade do homem aperfeiçoar-se. Aqui reside a diferença entre o homem e o animal: o primeiro poderá modificar-se ao longo de toda a sua vida; o segundo, pelo "contrário, ao fim de alguns meses, é o que será por toda a vida, e sua espécie, no fim de milhares de anos, o que era no primeiro ano desses milhares" (Rousseau, 1974, p. 249).

A liberdade, que permitia ao homem desenvolver a capacidade de aperfeiçoar-se, era entendida, nesse texto, como a pedra fundamental da proposta de educação desenvolvida por Rousseau. Para ele, o primeiro de todos os bons não era autoridade, mas sim liberdade. A finalidade última da educação de Rousseau é possibilitar que o homem fosse verdadeiramente livre, fosse um ser forte e autônomo. Uma liberdade pautada no respeito aos sentimentos oriundos das crianças que de certa forma contribuiria para uma educação de qualidade, através de métodos, planejamentos, didática, tudo buscando com que o conhecimento não fosse colocado na cabeça da criança de qualquer maneira, mas de forma saudável e espontânea. Rousseau já pensava desde esta época numa educação de qualidade voltada para a criança como um todo, seja nos seus valores psíquicos, motor, emocional, social, religioso, econômico etc. Não dar pra enxergar a criança pela metade, é preciso olhá-la com um todo, em seus diversos níveis e aspectos. A criança hoje tem um papel fundamental dentro deste processo de ensino-aprendizagem. Ela deve ser livre, capaz de assim desenvolver suas habilidades mais intrínsecas.

> A força do homem livre estava no governar de suas paixões. Cabia, então, ao processo educativo permitir ao homem compatibilizar as suas necessidades, desejos e paixões às forças. O homem que "só quer o que pode e faz o que agrada. Eis a máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância, e todas as regras de educação decorrerão dela" (Rousseau, 2004, p. 80-81).

Nesse sentido, o preceptor não deve dar preconceitos ao aluno, mas sim fazer com que ele os encontre. Rousseau rejeitava todos os preceitos oferecidos pela educação da Sociedade Civil, pois avaliava que toda a sabedoria dessa sociedade consistia em preconceitos servis e

que todos os "costumes não passam de sujeição, embaraço e constrangimento. O homem civil nasce, vive e morre na escravidão; enquanto conservar a figura humana, estará acorrentado por nossas instituições" (Rousseau 2004, p. 16). Rousseau acreditava desde cedo se partia de preconceitos que não ajudam a construir o conhecimento da criança dentro dos diversos aspectos. Trabalhar a liberdade dentro de um período difícil em que a ideia principal era o uso da razão, partindo de uma reflexão da vivência de um tempo chamado Iluminismo. Tempo de estudos, pesquisas, mas tempo também de opressão. Tentavam colocar nesta época que o mais valiosos seria o bom uso da razão. Dentro desta perspectiva a proposta de educação de Rousseau é uma negação das convenções estabelecidas pela Sociedade Civil:

> Portanto, a primeira educação deve ser puramente negativa. Consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro. Se pudesses nada fazer e nada deixar que fizessem, se pudesses levar nosso aluno são e robusto até a idade de doze anos em que soubesse distinguir a mão esquerda da direita, desde vossas primeiras lições os olhos de seu entendimento se abririam para a razão; sem preconceitos, sem hábitos, ele nada teria em si que pudesse obstar o efeito de vossos trabalhos. Logo se tornariam em vossas mãos o mais sábio dos homens e, começando por nada fazer, tereis feito um prodígio de Educação (Rousseau, 2004, p. 97).

É interessante a chamada de atenção de Rousseau a cerca da educação da criança, partindo do pressuposto que a mesma possui uma liberdade, uma identidade, um eu pessoal que deve ser levado em consideração. A educação precisa estar atenta ao fato que a criança não deve ser forçada a desenvolver o uso da razão de maneira irresponsável, imprudente, fora do tempo certo e da forma adequada. Educação é diálogo, interação, criatividade, respeito para com a realidade de vida de cada aluno. Surge então uma figura que se tornou importante para o processo de ensino-aprendizagem, o preceptor. Não é um ditador, um general, um político corrupto, mas se trata de alguém capaz de conduzir a criança para o caminho certo, onde o seu papel será apenas de orientar, cooperar para o seu desenvolvimento psíquico, intelectual, social e religioso.

> Na concepção de educação, idealizada por Rousseau, o preceptor deveria ter sempre a mesma postura de um bom governante. Não deveria ser tirânico, não daria ordens arbitrárias. Apesar de se contrapor aos métodos autoritários da educação, Rousseau, no entanto, não aderia à educação liberal defendida por Locke. A grande máxima dessa educação era de que as crianças deveriam ser educadas por intermédio de explicações racionais. Rousseau discordava, pois entendia ser um grave equívoco raciocinar com crianças pequenas. Utilizar a razão nesse caso "é começar pelo fim, é querer fazer da obra o instrumento. Se as crianças compreendessem razão, não teriam necessidade de ser educadas" (ROUSSEAU apud GROSRICHARD, 1980, p. 33).

Rousseau era um filósofo muito preocupado com uma educação de qualidade, cercada de pressupostos lógico que de certa forma favoreciam a liberdade da criança, o seu desenvolvimento a partir de seus conceitos e sentimentos. Hoje as crianças de modo muito prematuro às vezes são cobradas em situações ainda não entendidas pelas mesmas. Claro que é interessante o fato de uma criança desenvolver o seu lado cognitivo cedo, mas nem todas são da mesma forma, sendo que os valores, os conceitos trazidos por elas devem perpassar por uma análise sistemática coerente para o bom desenvolvimento de suas capacidades intelectuais.

> De acordo com Rousseau, a razão é uma faculdade que só se desenvolve a partir de outras. O desenvolvimento da faculdade da razão é completo e tardio. As sensações físicas e as paixões do espírito são faculdades que precedem à razão. Perceber e sentir são estados que o homem tem em comum com os animais. Querer e não querer, desejar e temer são as primeiras operações da alma humana. O entendimento humano devia em muito às paixões, pois era por elas que a razão se aperfeiçoava. Ele dizia: "só procuramos conhecer porque desejamos usufruir e é impossível conceber por que aquele, que não tem desejo ou temores, dar-se-ia a pena raciocinar" (ROUSSEAU, 1979, p. 250).

Na concepção de educação de Rousseau, o preceptor de crianças pequenas não deveria empregar a força nem raciocínio. Assim, o preceptor ao exercer a autoridade deveria conduzir sem violência e persuadir sem convencer. A principal tarefa do preceptor, nos primeiros anos de vida da criança, era possibilitar que elas desenvolvessem a curiosidade e a experimentação. Sobre isto ele dizia:

> As primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam em nós são os sentidos. São, portanto, as primeiras faculdades que seria preciso cultivar; são as únicas que são esquecidas, ou as mais desdenhadas (...). Portanto, não exerciteis apenas as forças, exercitai todos os sentidos que a dirigem; tirai de cada um deles todo o partido possível, e depois verificai a impressão de um pelo outro. Medi, contai, pesai, comparai. Não useis de força senão depois de ter calculado a resistência; agi sempre de tal sorte que o cálculo do efeito preceda o emprego dos meios. Fazei com que a criança tenha interesse em nunca fazer esforços insuficientes ou supérfluos (ROUSSEAU, 2004, p. 160).

Rousseau com muita maestria se refere ao fato de não forçar a criança a desenvolver suas habilidades com o bom uso da razão. Ele afirma que não é necessário fazer com que as crianças se esforcem de maneira forçada, mas sim agir para que os meios utilizados favoreçam um aprendizado pautado na ética, no convívio familiar e nas realidades trazida pelas mesmas. Não basta só querer ensinar, orientar, conduzir, é preciso saber como fazer com que a razão se desenvolva no tempo certo e na hora certa na vida de cada criança.

Podemos entender que Rousseau apresenta uma formação de um novo ser humano, um novo sujeito social, mas que deve estar relacionado com a sociedade, em que a educação natural possa construir e respeitar a sua infância no convívio social, tanto da sociedade daquela época, como a sociedade na atualidade. Agora surge um questionamento pertinente: será que estão sendo observadas estas realidades na educação voltada à criança? Fala-se tanto em convívio social, respeito à dignidade da pessoa humana, moral, ética, direitos humanos etc, mas percebemos que muita coisa ainda estar por acontecer no processo de ensino-aprendizagem.

> A partir da concepção de Rousseau de natureza, a pedagogia irá trabalhar com dois conceitos: natureza corrompida e natureza boa. Isso cria certo paradoxo e uma reavaliação da utilidade da pedagogia. Se a natureza já vem corrompida a pedagogia tem a função de purificá-la. Mas se a natureza já é boa para que serve a educação? (SANTOS, Pensamento Pedagógico de Rousseau, 2012, p.7).

No primeiro caso, a educação e toda a cultura vêm como uma forma de luta contra todas as manifestações do homem, sendo vetados os desejos e as paixões humanas, pois eles são indignos para o homem. No segundo caso, a função da educação é preservar a natureza boa moralizando o homem, pois o mesmo nasce bom, mas não moralizado e a sua bondade, por ser espontânea, é ainda ingênua e, para que ele possa conviver como indivíduo social, a moral é um fator determinante. Assim percebemos que Rousseau traz em seu bojo uma mudança paradigmática da educação do seu tempo, e que necessariamente precisa ser respeitada até em nossa atualidade, principalmente quanto à educação natural, para que as crianças possam compreender-se a si mesmo e a realidade em que vivem.

> Essa concepção pedagógica de Rousseau que transformou através do Emílio algo de descontentamento da sociedade de seu tempo, mostrando que a criança precisa ser respeitada enquanto infância é uma das possibilidades a ser seguida pela educação infantil atual. Não quero aqui mostrar um modelo de educação para a infância, mas sim reconstruir com bases mais sólidas a fundamentação que Rousseau apresentou e que permaneceu viva em todos os processos históricos até agora (SANTOS, Pensamento Pedagógico de Rousseau, 2012, p. 8).

Rousseau afirma constantemente que os processos históricos ao longo dos anos dentro do processo ensino-aprendizagem cada vez mais vem a confirmar um modelo de educação voltado para a necessidade da criança no contexto social, político, econômico, cultural e religioso que a mesma esteja inserida. Não dá para educar as crianças de qualquer jeito, sem metodologia, didática, planejamento, enfim, uma estrutura lógica e sistemática. Se naquela época Rousseau já pensava numa educação exigente para a criança, levando em consideração

diversos aspectos, quanto mais hoje em meio aos desafios encontrados pelos educadores. É preciso capacitar cada vez mais professores para o trato com as crianças, observando paralelo aos seus conhecimentos científicos, a realidade de cada uma, assim como o histórico de suas famílias.

Os adultos tem um papel fundamental neste processo de ensino-aprendizagem com as crianças. Olha o que diz este pensador sobre o tema:

> Todo o desenvolvimento de uma educação natural está alicerçado pela necessidade da criança e os cuidados que o adulto deve fornecer durante o processo de educação natural. Logo busco compreender que além da criança ser respeitada em seu mundo o adulto tem que perceber durante o processo de educação natural a condição primeira em não manipular a criança, mas sim mostrar os valores morais tão necessários para uma primeira infância e para a sociedade democrática imaginada por Rousseau (SANTOS, Pensamento Pedagógico de Rousseau, 2012, p. 8).

1.1. Rousseau e o movimento iluminista

Diante destas reflexões advindas de Almir Santos no tocante a educação da criança, surge então um questionamento vindo de Adorno: Educação para quê? Quais fatores devem ser levados em conta diante desta realidade educacional cercada pela modernidade? Questões estas merecem uma reflexão profunda sobre a importância da educação na vida de crianças que logo logo chegarão a fase adulta, muitas vezes repletas de dúvidas, inquietações outrora não entendidas na infância. Adorno vem contribuir nesta discussão sobre a importância da educação na vida de cada ser humano, de modo especial da criança da seguinte maneira:

> No contexto do pensamento de Rousseau a dialética da razão se expressa como capacidade de aprender a pensar em forma de paradoxos e isso não significa outra coisa senão desenvolver a capacidade reflexiva de perceber as tensões e conflitos inerentes à vida humana e social e buscar contorná-los da melhor forma possível. Ela põe-lhe a exigência de conceber o ser humano e suas ações de modo amplo, considerando seus sentimentos, suas paixões e seus afetos também como constitutivos de seu agir racional. Em que sentido Rousseau concebe o ser humano como constituído por sentimento e razão? Como conecta estes dois conceitos entre si e que significado específico atribui ao sentimento? Ele concebe-o nos moldes da psicologia sensualista de sua época, de acordo com a filosofia do sentimento moral? Estas questões remetem para um ponto controverso e, ao mesmo tempo, crucial de seu pensamento e, se caso não for esclarecido, pode bloquear a compreensão do significado mais preciso de sua dialética da razão. Tal ponto recobre importância também para esclarecer sua teoria moral, uma vez que o sentimento está diretamente associado, na "Profissão de fé do vigário saboiano", com a consciência (DALBOSCO, O Iluminismo Pedagógico, 2012, p. 6).

Como se expressa tal dialética no pensamento de Rousseau? Investigá-la não é uma tarefa fácil considerando, sobretudo, o próprio estilo assistemático e paradoxal de seu pensamento. Considerando isso, é possível indicar um fio condutor geral por meio do qual ela

se manifesta, a saber, através da tensão entre o "ouvir a voz do coração" e o "seguir os ditames da razão". Ser racional não se restringe, por isso, de modo algum, ao saber operar logicamente com conceitos e, muito menos ainda, ao agir procedimental baseado na relação meio-fim de tipo instrumental. Significa isto sim, levando-se em consideração a voz do coração e a ampla gama de sentimentos que constitui o psiquismo humano, saber ponderar ajuizadamente sobre as coisas e sobre as ações humanas e, neste contexto, buscar permanentemente o vínculo da ação com a ideia de humanidade e de ordem cósmica (DALBOSCO, O Iluminismo Pedagógico, 2012, p. 7).

Muito oportuno o uso destas duas expressões de Rousseau dentro do seu pensamento sobre a educação. Primeiro vem falar do uso do coração, ou seja, das manifestações dos sentimentos, das emoções. Recordar-se-á mais uma vez ao filósofo e matemático Blaise Pascal, ao afirmar que: "o coração tem razões que a própria razão desconhece" (PASCAL, Blaise. Pensamentos, 2001). A razão é limitada, não sabe tudo, e jamais saberá. É necessário render-se ao coração para poder entender a dinâmica da vida e os ditames de uma educação entendida como busca do conhecimento pela razão mais também em seus limites buscar o auxilio do coração. Mais a razão para ser compreendida a sua importância e até mesmo seu conceito precisou de uma expressão dialética, que pode ser entendida da seguinte forma:

> A expressão dialética da razão exige, em síntese, um conceito amplo de razão, capaz de abarcar em seu interior tanto os aspectos específicos e "localizáveis" da ação individual com sua pertença (inserção) em uma perspectiva geral, tanto de sociedade como de natureza (cosmo). Dialética da razão exprime, por isso, a compreensão adequada da tensão imanente à ação humana que se manifesta entre as dimensões da consciência (enquanto instinto humano e "divino") e da razão, ambas inseridas em uma ordem universal. Dialética é, por isso, o movimento crítico de pensamento que se inicia com o "cuidado de si mesmo", o qual, por sua vez, conduz à consciência do sujeito sobre sua inserção no cosmo (DALBOSCO, O Iluminismo Pedagógico, 2012, p. 7-8).

Percebemos que já neste período do iluminismo, onde predominava um bom uso da razão por excelência, alguns filósofos partiam do pressuposto de que deveria ser levado em consideração os sentimentos, as necessidades, as realidades vivida pelas crianças. Ou seja, não se poderia de maneira forçada fazer com que a criança desenvolve a sua razão, sem dar a elas as devidas razões para que isso pudesse ir acontecendo na medida em que instrumentos fossem utilizados para o desenvolvimento indutivo e dedutivo de seu pensamento.

Rousseau é muito feliz em trazer a tona esta discussão tão importante para o processo ensino aprendizagem. Hoje, nos dias atuais percebemos um pouco desta realidade, crianças que são educadas levando-se em conta seu contexto histórico, social, cultural e até mesmo religioso.

ICESPI - Biblioteca
9327 27/02/2013

1.2. O projeto de educação natural no contexto iluminista

A relação entre iluminismo e pedagogia no pensamento de Rousseau conduz inevitavelmente à relação da pedagogia com o tema da razão. Neste contexto, um modo convencional e imediato de se pensar tal relação levaria a seguinte exigência: a formação de um aluno soberano e autônomo implicaria formá-lo racionalmente, com capacidade argumentativa e, portanto, uma educação iluminista exigiria inevitavelmente o emprego da razão. Rousseau certamente não era contra esta ideia, como atestam muitas passagens do Emílio (DALBOSCO, O Iluminismo Pedagógico, 2012, p. 10).

No entanto, como crítico da razão, ele não compactua com seu conceito reduzido a um procedimento dirigido a fins, o qual se tornou num dos modos característicos de se compreender a racionalidade a partir do advento da ciência moderna. Antes disso, ele buscou ampliar o conceito de razão, incluindo nele a dimensão sensível do ser humano, a qual desemboca, no âmbito da sociabilidade moral, na tese forte de ouvir a voz da consciência como critério do julgamento moral de nossas ações. Como iluminista Rousseau torna-se, evidentemente, defensor da racionalidade humana, mas, como vimos, de um conceito ampliado de razão. É com base nesta compreensão que busca fundamentar seu projeto de educação natural. Rousseau não despreza de forma nenhuma o uso da razão, mas Ele a ver de forma mais ampla, diversificada, sendo preenchida em diferentes aspectos, claro não esquecendo que o ponto chave e central do seu pensamento está no "ouvir a voz do coração".

Interessante perceber que Rousseau parte de uma reflexão que a educação inicia-se primeiramente com as mulheres. Veja só a análise feita por Ele sobre este assunto:

> A primeira educação é mais importante e cabe incontestavelmente às mulheres. Se o autor da natureza houvesse desejado que ela coubesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentar as crianças. Assim, falai sempre de preferência às mulheres em vossos tratados sobre a educação, pois, além de estarem em condições de tratá-la mais de perto do que os homens e de influírem sempre mais, o êxito também lhes interessa muito mais, já que a maior parte das viúvas se acha como que à mercê dos filhos e eles então lhe fazem sentir vivamente, no bem e no mal, o efeito da maneira como foram criados (ROUSSEAU, 1995, p. 7).

Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação. Essa educação vem-nos da natureza, ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensina a fazer desse desenvolvimento é

a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas (ROUSSEAU, 1995, p. 8-9).

A educação como vemos é peça fundamental na vida do ser humano, sendo que não pode ser partilhada de qualquer forma com as crianças. Não dá para brincar de educação na atualidade. Rousseau já vem ao longo da história nos mostrando o verdadeiro sentido da educação, tendo a observância dos sentimentos à luz de um aprofundamento da razão de maneira mais sistemática e reflexiva. Tanto os sentimentos como a razão terão lógico o seu papel dentro do processo de ensino-aprendizagem, cabendo ao professor-educador se utilizar de todos os recursos para que esta educação possa ser enraizada na criança dentro dos parâmetros curriculares estudados ao longo da academia.

> Portanto, uma vez que a educação é uma arte, é quase impossível que ela tenha êxito, já que o concurso necessário a seu sucesso não depende de ninguém. Tudo o que podemos fazer à custa de esforços é nos aproximar mais ou menos do alvo, mas é preciso sorte para atingi-lo. Nascemos sensíveis e, desde o nascimento, somos afetados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Assim que adquirimos, por assim dizer, a consciência de nossas sensações, estamos dispostos a procurar ou a evitar os objetos que as produzem, em primeiro lugar conforme elas sejam agradáveis ou desagradáveis, depois, conforme a conveniência ou inconveniência que encontramos ente nós e esses objetos, e, enfim, conforme os juízos que fazemos sobre a ideia de felicidade ou de perfeição que a razão nos dá (ROUSSEAU, 1995, p. 10).

Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é a condição de homem, e quem quer que seja bem educado para tal condição não pode preencher mal as outras relacionadas a ela. Pouco me importa que destinem meu aluno à espada, à Igreja ou à barra. Antes da vocação dos pais, a natureza o chama para a vida humana. Viver é o ofício que quero ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado, nem padre; será homem, em primeiro lugar; tudo o que um homem dever ser, ele será capaz de ser, se preciso, tão bem quanto qualquer outro; e, ainda que a fortuna o faça mudar de lugar, ele sempre estará no seu (Rousseau, 1995, p. 14).

Diante de todo este apanhado do pensamento de Rousseau sobre a educação, é possível afirmar e até mesmo concordar com ele que a função do professor dentro do processo de ensino-aprendizagem durante a infância da criança é impedir que a mesma perverta o seu pensamento e fazer de tudo de maneira natural. Rousseau considera o período da infância o "sono" da razão, sendo que a mesma só virar a aparecer na fase da puberdade e na fase adulta.

CAPÍTULO II

2. A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DE ROUSSEAU

Em busca de uma visão mais ampla e uma maior compreensão sobre Jean Jacques-Rousseau, é de suma importância conhecer o contexto histórico-político e educacional em que viveu, apropriando-se de sua realidade histórica para melhor purificar nossos juízos e fazermos uma autocrítica de nossos comportamentos enquanto educadores que visam o bem de nossas comunidades.

> Surge neste processo uma dúvida naqueles que tinham a mesma linha de raciocínio de Rousseau: protestante ou católico? Jean-Jacques tornou-se imediatamente prosélito católico, pois, para ele, uma religião pregada por missionária tão encantadora não poderia deixar de conduzir ao paraíso. O chamado à natureza e o "evitar os ataques de seus filhos" constituem os motivos fundamentais do pensamento de Rousseau e a fonte de sua contribuição original para a história da filosofia (ROUSSEAU, Os Pensadores, 1978, vida e obra).

Rousseau muito contribuiu para a história da filosofia em questões políticas, éticas e educacionais. A obra "O Emílio" é um ensaio pedagógico sob a forma de romance e nele Rousseau procura traçar as linhas gerais que deveriam ser seguidas com o objetivo de fazer da criança um adulto bom. Mais, exatamente, trata dos princípios para evitar que a criança se torne má, já que o pressuposto básico do autor é a crença na bondade do homem natural.

Para ser homem, segundo o pressuposto de Rousseau, era necessário que existisse bondade, isto é, a vivência de princípios éticos que levaria o sujeito a ter atitude verdadeiramente coerente com a educação que o mesmo estava sendo possibilitado a dela usufruir. A maldade já vinha ao longo dos tempos destruindo o homem e de certa forma a sociedade. Educar o adulto a partir do ser criança era o pensamento por primeiro de Rousseau, pois queria um homem educado, feliz e predominantemente bom.

Outro pressuposto de seu pensamento consiste em atribuir à civilização a responsabilidade pela origem do mal. O homem nasce bom, mas a sociedade vem por trás e o corrompe, destruindo assim seus princípios éticos e morais. Consequentemente, os objetivos da educação, para Rousseau, comportam dois aspectos: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seu afastamento dos males sociais. Rousseau acreditava

piamente que as crianças possuíam potencialidades a serem exploradas com maestria e simplicidade levando em conta claro sua cultural familiar.

O fato de afastar as crianças dos males existentes na época é protegê-las da corrupção e inseri-las numa cultura voltada para os valores morais. Percebemos hoje uma distancia não muito grande deste contexto outrora exposto. A educação nos dias atuais procura cuidar das crianças, inseri-las no mercado de trabalho, proporcioná-las o bom convívio nas relações humanas, e afastá-las também dos males sociais ainda existentes.

2.1. Educação natural em Rousseau

> A educação natural em Rousseau elaborada no "Emílio" personagem fictício é um dos fundamentos essenciais na formação dos indivíduos para o modelo republicano apresentado no "contrato social", governado pela vontade geral. Rousseau desejava ter no Emílio uma espécie de termo conclusivo de suas ideias sobre a educação e, ao mesmo tempo, um elemento prenunciador do Contrato. Projetara tão firmemente tal sucessão temporal de suas obras, que incluiu no Emilio um resumo, assaz longo, das ideias centrais do trabalho a aparecer e que expressamente anunciava (ROUSSEAU, Pensadores, 1978, p. 03).

Segundo Rousseau não se tratava de um expediente de propaganda (como poderia apressadamente supor o leitor moderno), porém, sobretudo de firmar bem claramente a importância capital do conhecimento da vida política no estudo do homem. Surge então o Contrato Social, algumas semanas antes do Emílio. Consolidava-se, desse modo, o que havia de benévolo no conceito de que anteriormente gozava, enquanto declinava, ao menos por um instante, a fama de "singular" que alcançara nos primeiros passos da carreira.

Esse processo formativo, segundo Rousseau deve iniciar logo na infância, pois é um dos elementos essenciais para a concretização dos ideais republicanos, a fim de fornecer um desenvolvimento moral e cognitivo desde o nascimento da criança, até a integração da mesma a vida adulta na sociedade idealizada por Rousseau (SANTOS, 2012, p. 08).

Só vamos integrar as crianças dentro deste processo formativo a partir do momento em que inserirmos desde cedo os conteúdos necessários para a sua formação humana e intelectual. A criança de hoje mais cedo ou mais tarde será o adulto de amanhã, sendo assim necessita de uma educação de qualidade, pautada nos princípios morais em sintonia com a realidade familiar de cada uma, desenvolvendo-a nos mais diversos níveis, partindo do pressuposto que tudo começa no aprendizado em casa para assim chegarmos até um patamar plausível a todas elas. O que fazer para que tudo isso possa se concretizar de maneira sistemática? Será que os professores de hoje estão realmente preocupados em formar cidadãos mais responsáveis e compromissados com a sociedade atual? Diante destes questionamentos Almir Santos nos ajuda a entendermos e darmos razões para tal quando diz:

> O projeto de educação natural apresentado no "Emílio" só pode ser constituído pela tensão apresentada entre o conceito de sociedade e de homem. O conceito de sociedade é fundamentado na sociabilidade racional da ação humana, pois o ser humano é constituído por um duplo sentimento, "o amor de si mesmo" e o "amor-próprio", o problema é equilibrar isso, pois a tarefa da educação natural é fazer aflorar essa decisão tomando consciência que somos seres humanos egoístas e temos necessidades de socialização (SANTOS, 2012, p.09).

Somos seres sociais e necessitamos cada vez mais do outro que nos ajuda a vivermos de uma maneira mais favorável. Devemos ver a sociedade como este campo de relações intersubjetivas, ou seja, das relações humanas de comunicação, portanto também: a totalidade dos indivíduos entre os quais ocorrem essas relações; um grupo de indivíduos entre os quais essas relações ocorrem em alguma forma condicionada ou determinada. Vivemos em uma sociedade que prima pelas relações humanas, nas mais diversas esferas.

Mesmo vivendo num mundo em que os valores cada vez mais estão perdendo seus espaços, necessitamos de pessoas ao nosso redor que nos ajudem a enxergar melhor o mundo. Entra aí então o papel do professor, em proporcionar aos seus alunos de acordo com as suas realidades, conteúdos que venham se adaptar aos dias atuais, como se deve viver com dignidade e acima de tudo feliz em sociedade. Crianças que ao se tornarem adultas saibam como se comportar, cumprindo seus deveres e defendendo de certa forma seus direitos mais diversos.

É importante compreender que o processo de educação natural é exteriorizar essa tensão entre o "amor-próprio" e o "amor de si mesmo", dois tipos humanos de sentimento, onde a criança possa ser respeitada em seu mundo, sendo "capaz de ser senhora de si mesma". A criança precisa ser respeitada em seu mundo, essa é condição necessária para a educação natural na primeira infância, mas ao mesmo tempo em que a educação aconteça em seu mundo existe a necessidade de disciplinar progressivamente seus desejos. Essa tarefa esta vinculada a "intervenção" do adulto como pressuposto essencial para que a criança não caia no autoritarismo e nem mesmo no espontaneísmo (SANTOS, 2012, p. 09).

De maneira bastante educada e sistemática o professor precisa dar razões do porquê desta tensão entre a necessidade e o cuidado que teve ser oferecida a criança como um todo. Essa tensão entre a necessidade e o cuidado na criança é o núcleo central da formação da educação natural na primeira infância, pois o adulto não deve escravizar a criança e nem deixar-se escravizar, mas sim construir limites morais tão necessários à integração da mesma a república democrática de Rousseau. Escravizar a criança é tirar dela aquilo que de mais precioso ela possui, que é a sua liberdade.

O homem "tem" escolher aquilo que ele será. Não temos a liberdade de escolher a liberdade. Por isso não exige nenhuma desculpa, o homem é totalmente responsável pelo que fez de si mesmo. Ela é sua única norma. Liberdade não ficou só para os adultos, as crianças também por demais necessitam dela para poderem conviver bem com as pessoas e consigo mesmos. Hoje se fala muito em construir o conhecimento dentro do processo ensino-aprendizagem, e não em repasse do conhecimento para seus alunos ou trabalhar simplesmente pelo dinheiro. Será que é essa a educação que queremos para as crianças? Será que é essa educação que os pais desejam para seus filhos? São questionamentos que nos levam a refletir sobre o papel do professor na vida de cada estudante.

> No contexto da primeira infância, que é a fase que me interessa aqui, tal conteúdo desdobra-se, aporeticamente, entre as necessidades da criança e os cuidados dispensados pelo adulto. Saber o que são necessários "reais" e "fictícios" e o modo como o adulto dispensam seus cuidados em relação as crianças são questões decisivas ao esboço do projeto de uma educação natural dirigida "a primeira infância" (DALBOSCO. 2006, p. 02).

Cada vez mais se percebe o papel que o adulto tem na vida de uma criança em processo contínuo de formação. É neste convívio com os pais, professores, tios e tias, avós, primos, etc, que as crianças vão adquirindo uma maturidade que as levará ao conhecimento. Agora estes mesmos adultos precisam estar dispostos para tamanha missão. Dentre os destacados acima o professor é aquele que se dispõe de maneira qualificada enriquecer os alunos de conhecimentos que os servirão de base para uma vivência em sociedade. Para uma educação de qualidade precisamos urgentemente de professores qualificados, sensíveis para com a realidade a encontrar e competentes naquilo que faz, assim como queremos alunos abertos as novas experiências da vida humana. Deve ser uma parceria cada vez mais constante, a relação entre professores e alunos, pois só assim alcançaremos uma educação de qualidade, onde os resultados serão sempre visíveis por todos.

> A "intervenção" do adulto é uma questão decisiva na formação da educação natural na infância, pois além de respeitar a criança em seu mundo o adulto deve intervir indicando limites à ação da criança, contribuindo para que a socialização seja alcançada (SANTOS, 2012, p.09).

Os professores não podem jamais se deixar levar por caprichos de alunos desinteressados, ou até mesmo os interessados. Professores e alunos devem saber como se portar diante de suas responsabilidades. Num passado bem distante percebíamos que no processo de ensino-aprendizagem só quem sabia das coisas era o professor. Cabia aos alunos

o simples papel de ouvir e decorar tudo o que estava sendo dito pelos mestres. No tempo de Rousseau não era diferente, só que o mesmo desejava uma educação reflexiva, vista a realidade cultural, social e familiar da criança.

Saindo da modernidade rumo ao período contemporâneo percebe-se que muita coisa já mudou. Os professores continuam sendo mestres, mas os alunos deixaram de ser simples espectadores para serem também personagens principais de suas histórias. Cada aluno já traz consigo uma bagagem recheada de conhecimentos prévios, os chamados pré-conceitos dos fatos históricos e do dia-a-dia. Alunos que interagem nas aulas tornando-as mais agradáveis, dinâmicas, atrativas, didáticas etc. são percebidos pelos professores, que reconhecem cada vez mais o que eles têm a oferecer em termo de conhecimento para o engrandecimento de si próprio e dos colegas.

Rousseau, como um dos iluministas, apresenta que não há um processo educacional, se não se levar em conta a ideia de liberdade, que é o esteio do projeto de educação natural. Para Rousseau a liberdade não é fazer o que se quer, mas apresentar uma educação de qualidade, pois o adulto não pode escravizar e nem deixar-se escravizar e esse é o núcleo da educação natural, voltada a primeira infância (SANTOS, 2012. p, 10).

Para melhor entendermos este pensamento de Rousseau vamos ao encontro primeiro do que seria liberdade. No dicionário filosófico de Abagganno liberdade possui três significados fundamentais, correspondentes a três concepções que se sobrepuseram ao longo de sua história e que podem ser caracterizadas da seguinte maneira: 1ª. Liberdade como autodeterminação ou autocausalidade, segundo a qual a liberdade é ausência de condições e de limites; 2ª. Liberdade como necessidade, que se baseia no mesmo conceito da precedente, a autodeterminação, mas atribuindo-a à totalidade a que o homem pertence; 3ª. Liberdade como possibilidade ou escolha, segundo a qual a liberdade é limitada e condicionada, isto é, finita.

Não constituem conceitos diferentes as formas que a liberdade assume nos vários campos, como por exemplo Liberdade metafísica, Liberdade moral, Liberdade política, Liberdade econômica, e acrescentamos quem sabe também uma Liberdade educacional etc. Agora que tipo de liberdade se refere Rousseau em relação a educação da criança a partir do berço? Sabemos que a liberdade hoje se distancia muito daquilo que se entendia no passado, e nos dias atuais então se torna muito mais complexo e desafiador falar de liberdade seja ela em quais esferas de nossa sociedade, claro sem carregar as tintas na área da educação. O professor deve proporcionar ao aluno uma liberdade pautada em limites, regras.

Diante de nosso estudo sobre a temática da **Liberdade**, percebemos que Rousseau a define como uma condição natural do homem, como diz em sua célebre frase: "O homem

nasce bom, mas por toda a parte encontra-se aprisionado", fórmula que se prestou a numerosos contra-sensos. Rousseau entende com isso que não é necessário supô-lo mau por natureza para explicar sua corrupção: "Não há perversidade original no coração humano, e os primeiros movimentos da natureza são sempre retos"(BORAQUIN, Nöella. Dicionário universitário dos filósofos, 2007, p. 263).

Essa liberdade bem regrada que Rousseau mostra de 0 a 2 anos tem duplo significado: há um sentido de liberdade selvagem e a outra na liberdade bem regrada. O sentido de liberdade selvagem que Rousseau apresenta é a liberdade na qual estão ausentes as regras, não a lei, significa como ausência de regras. A liberdade sem regras não funda nenhuma moral e isto para Rousseau está presente na própria natureza e se manifesta na própria criança, pois sem regras há uma vontade soberana, isto é, a vontade absoluta, entendida como capricho e desejo (SANTOS, 2012, p. 10).

A criança sempre deseja fazer tudo o que pensa, acreditando que possui uma liberdade que lhe dará o direito de então realizar tal façanha. Uma liberdade sem regras como bem disse Rousseau, sem limites, sem punição. Na idade de 0 a 2 anos vemos que a criança realiza muitas coisas com liberdade, pois não podemos cobrar nada a luz de uma razão em processo de amadurecimento. Os anos vão se passado e esta tal razão vai se aperfeiçoando até chegar no ponto máximo de sua grandeza, fazendo do ser humano alguém capaz de diante das decisões a serem tomadas pensar, refletir, analisar.

Dentro desta realidade o professor tem uma participação bastante expressiva, em poder dar limites a essa liberdade tão querida pelas crianças. Mostrá-los que na vida temos direito a tudo ou quase tudo, mas sempre em sintonia com uma liberdade com limites, algo bastante refletido e analisado por todos. No tocante a educação das crianças não se pode passar dos limites, esquecendo a liberdade de cada criança, assim como saber dar a elas o devido limite diante de suas vontades mais íntimas. A criança não pode fazer tudo o que deseja na escola só porque é livre e possui por assim dizer liberdade.

Diante de toda esta discussão sobre a liberdade da criança nos surge então um questionamento:

> Por que é constitutivo no mundo da criança? Porque ela não tem condições de fazer uma dissociação entre ela e o mundo. Como ela não conhece a diferença entre ela e o mundo, ela pensa que o mundo e as outras pessoas devem estar a serviços da própria criança. Um dos pontos básico é bater de frente com o problema, pois se isso não acontecer, vão viciar a criança, pois se não se enfrentar essa vontade, está se deixando acentuar o "egoísmo racional" (SANTOS, 2012, p. 10).

Deve-se de maneira sucinta mostrar à criança a diferença existente entre ela e o mundo. Não deixá-la viciar diante deste "egoísmo racional". A criança precisa perceber o mundo que ela vive e o mundo comum todo. Vamos entender um pouco sobre este "egoísmo racional": Uma vez afirmada a sociabilidade racional , a qual se encontra justificada assistematicamente no livro IV do Émile, com ela também se esclarece que a neutralidade moral do sentimento natural do amor de si mesmo só pode ser rompida por meio do seu confronto com o sentimento do amor-próprio, revelando isso que a piedade só pode adquirir conteúdo moral quando posta frente a frente com o egoísmo racional do amor-próprio.

Para Rousseau, a tarefa mais elementar e, portanto, mais "natural", do projeto de uma educação natural consiste em exteriorizar esta tensão entre dois tipos humanos de sentimento e deixar claro, aos envolvidos do processo pedagógico, que a formação humana, quer seja na direção cooperativa/solidária ou individualista/egoísta, não é uma determinação somente externa e estranha aos envolvidos, mas depende também de suas decisões e opções.

Neste contexto, o projeto de uma educação natural, quando voltada à infância, visa à formação de uma criança "capaz de ser rainha de si mesma nas mais diversas situações" e, por meio do confronto permanente com diferentes tipos de provações, disciplinar progressivamente seus desejos. Para que este ideal seja alcançado, depende, segundo Rousseau, fundamentalmente do modo como é pensada a "intervenção" do adulto, a qual desenvolve-se na tensão entre ter que evitar os lados opostos de uma prática pedagógica inconsequente, a saber, o autoritarismo ou o espontaneismo.

> Assim, significa dizer que o adulto deve educar essa vontade desregrada e não pode deixar que a criança faça o que ela quer fazer, pois respeitar o mundo da criança não é fazer o que ela quer, mas sim impor limites, pois, segundo Rousseau, isso é parte do projeto da educação natural. Essa posição exige uma sensibilidade em distinguir o que é necessidade legítima e ilegítima (SANTOS, 2012, p.10).

O desafio hoje é fazer com que a criança entenda seu mundo, tenha limites em suas ações diante desta necessidade legítima e ilegítima. O professor precisa colocar a criança no seu mundo, com características próprias, confrontando também com o mundo exterior. Para isso o professor terá que ter bastante sensibilidade, didática, metodologia e força de vontade em cuidar da educação de qualidade de diversas crianças, cada uma vindo das mais diversas realidades. A educação hoje está cada vez mais exigente, precisando de professores capacitados, destemidos, corajosos, amantes de uma educação de qualidade, partindo dos mais diversos valores éticos e morais.

Já a liberdade bem regrada é a vontade educada, é aquela que racionaliza as necessidades, pois é aquela que consegue perceber os limites e as necessidades emocionais e que são supérfluas. O projeto de uma educação natural se sustenta nessa dupla dimensão: a liberdade selvagem e a liberdade bem regrada. Pois para Rousseau a criança é um ser de desejos infinitos e esta questão é trabalhar com esses desejos, é disciplinar. Rousseau através da educação natural contribui e muito para a infância, pois a criança é respeitada em seu mundo. Esse respeito é tão necessário para que a mesma possa construir seus anseios e seus limites para assim construir um modelo de sociedade democrática tão necessária para o governo da vontade geral (SANTOS, 2012, p. 10).

2.2. Um educador reflexivo

Rousseau é conhecido como um filósofo de reflexão pedagógica, sobretudo no tocante ao livro O Emilio. Todo o seu modo de pensar educacional provém de suas experiências vivenciadas ao longo de toda a sua vida com as crianças, os adolescentes e os jovens. O Emilio é fruto de uma crise educacional, é escrito diante de vários fatores referentes ao dia a dia das crianças, sua vivencia no campo, distante das cidades para que assim ela não seja corrompida pelos vícios das mesmas. Ele afirma que a curiosidade e/ou desejo de aprender deve surgir da criança e não do seu tutor e pais, ou seja, ela demonstra qual o momento certo dela aprender determinadas coisas, não é a toa que Emilio, seu personagem só sente vontade de aprender a ler e a escrever entre os 12 – 15 anos de idade.

Alguns autores afirmam também que o livro fora escrito no intuito de fazer entender e questionar esta educação das crianças vista como amadurecimento intelectual de acordo com as realidades de cada uma delas. Rousseau insiste em uma educação. Rousseau insiste em uma educação pautada n curiosidade por parte da criança, no desejo de aprimorar o seu conhecimento. O papel do professor neste processo de ensino-aprendizagem é impedir que a criança perverta o seu pensamento, pois ele visava à formação do homem como um todo, não só a formação do cidadão. Era necessário ver a criança como um todo para poder ajudá-la na busca do conhecimento.

> O Emilio ou da Educação fora escrito no mesmo período do Contrato Social e sua recepção não foi das melhores, sendo condenado ao fogo após sua publicação. Na opinião do próprio Rousseau e de muitos comentadores de sua obra, Emílio é seu principal escrito. Extraordinariamente extenso dividindo-se em cinco livros, expõe o processo formativo-educacional de um aluno fictício, o Emílio, desde o nascimento até seu ingresso maduro na sociedade adulta (DALBOSCO, 2012, p. 11).

Esta obra de grande importância para o processo educativo não fora aceito talvez pelo fato de Rousseau pensar uma educação além daquilo que já se trabalhava na época. A educação para Ele não estava centrada no professor, chamado de tutor, mas na própria criança, detentora de habilidades a serem exploradas pelo professor. Uma educação a partir da realidade cultural, familiar, social da criança. Rousseau é este filósofo, educador, mestre, que mergulhar nos pontos mais essenciais do processo formativo-educacional em vista de uma criança preparada para enfrentar as ciladas impostas pela sociedade. Uma criança tornada jovem, depois adulta que não se deixa corromper, viciar, diante de armadilhas encontradas no dia a dia da vida. Rousseau quer trabalhar a criança como um todo, para torná-la um adulto responsável, que através de seu esforço diário possa conquistar seus objetivos.

> Do ponto de vista sistemático, Emílio, inserindo-se na mesma ótica geral do Contrato Social, aponta para um aprofundamento na argumentação de Rousseau em relação ao Segundo Discurso: enquanto este acentua o processo de socialização como perda da liberdade natural e, portanto, como sinônimo do aumento do nível de artificialidade e convencionismo das relações humanas, O Contrato Social e o Emílio veem em tal processo a condição de possibilidade para que o homem possa desenvolver suas faculdades e, em síntese, regrar sua própria sociabilidade (DALBOSCO, 2012, p, 11).

O homem deve ser este que desenvolve suas capacidades mais diversas em prol de um bem estar pessoal e social. Este ser de convívio chamado homem em Rousseau já vem se trabalhando desde a infância, através de uma educação próxima de suas realidades mais diversas. A criança já é trabalhada sobre vários aspectos em busca deste homem responsável, e acima de tudo feliz, sem ser escravizado pela sociedade, sendo livre para fazer suas próprias escolhas, em vista de um bem comum.

2.3. Concepção de infância

Existe uma coerência intrínseca a concepção de homem, proposta no "Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens", e a infância, desenvolvida por Rousseau na obra Emílio ou Da Educação. As ideias da bondade e da liberdade original inscrita no homem natural deram base ao seu entendimento sobre a infância. Para tal, novamente Rousseau se opôs a Hobbes ao propor suas teses educativas, dizendo: "respeitai a infância e não vos apresseis em julgá-la, quer para bem quer para o mal" (Rousseau, 2004, p. 119). Na sua visão, Hobbes dizia algo absolutamente contraditório ao chamar o mau de criança robusta. A criança não deveria receber um julgamento a priori. Para refutar os argumentos de Hobbes, ele dizia:

> Toda maldade vem da fraqueza; a criança só é má porque é fraca. Tornai-a forte e ela se tornará boa. Aquele que tudo pudesse jamais faria o mal. De todos os atributos da divindade todo-poderosa, a bondade é aquele sem o qual menos podemos concebê-la. Todos os povos que reconhecem dois princípios sempre consideram o mau como inferior ao bom, sem o que teriam feito uma suposição absurda. (...) só a razão nos ensina a conhecer o bem e o mal. A consciência que nos faz amar um e a odiar ao outro, embora independentemente da razão, não pode, pois, desenvolver-se sem ela. Antes da idade da razão, fazemos o bem e o mal sem sabê-lo, e não há moralidade em nossas ações, embora às vezes ela exista no sentimento das ações de outrem que se relacionam conosco (ROUSSEAU, 2004, p. 56).

Repare, na sua visão de infância, o conceito de amoralismo integral. A bondade e maldade são valores que a criança pequena não consegue apreender. Os atos infantis não são guiados pela razão. Assim, quando uma criança destrói coisas, derruba objetos, fere e provoca dor em animais ou a pessoas, ela não o faz por entender ser esses atos bons ou maus. De acordo com Rousseau, os filósofos Hobbes e Locke se equivocaram ao tentar explicar tais atos pelos vícios naturais, como orgulho, espírito de dominação, amor próprio e maldade do homem. Rousseau compreendia que tais atos tinham origem nas necessidades implícitas à fase de desenvolvimento que a criança vivia e não na maldade original da natureza humana.

Sua explicação se sustentava na noção de desenvolvimento infantil. A criança pequena, por sua característica fraqueza física, possui a necessidade de realizar atos de força. A criança se movimenta bruscamente. Tudo é intenso e dinâmico, pois ela precisa experimentar novas sensações e provar para si mesma seu próprio poder. Na pessoa idosa ocorre o contrário, as ações desejadas são as que trazem tranquilidade, a menor mudança perturba e inquieta. Assim:

> A atividade enfraquecida concentra-se no coração do velho; no da criança, ela é superabundante e se lança para fora; a criança sente-se, por assim dizer, com vida suficiente para animar tudo o que a cerca. Pouco importa que faça e desfaça; basta que mude o estado das coisas, e toda mudança é ação. Pois, se parece ter uma tendência maior para destruir, não é por maldade, mas porque a ação que forma é sempre lenta, a que destrói, sendo mais rápida, convém mais à sua vivacidade (ROUSSEAU, 2004, p. 57).

Surge então alguns questionamentos a partir desta reflexão no tocante aos atos das crianças: Se os atos destrutivos da criança tivessem origem nos vícios naturais, por que no velho, que é herdeiro da mesma natureza primitiva, eles não se mantêm? Essa pergunta, Rousseau respondeu com outra interrogativa: "Onde encontraremos essa diversidade de causa a não ser na condição física dos indivíduos?" E continuava seu raciocínio dizendo: "O princípio ativo, comum a ambos", desenvolve-se num e extingue-se no outro; um se forma e o outro se destrói; um tende a vida, o outro a morte" (ROUSSEAU, 2004, 57).

Nota-se que a diferenciação estabelecida entre as necessidades e os comportamentos das crianças e dos velhos, demonstrava como Rousseau concebia o desenvolvimento humano. Para ele, o homem não era um ser pronto e acabado. Em cada idade o homem se expressa, adquiri habilidades e apreende o mundo de forma diferente. A fim de sustentar esta tese, Rousseau, em um esforço extraordinário de argumentação, descreveu minuciosamente as fases de desenvolvimento por qual passava a criança. Esse processo explicativo compareceu na sua descrição do processo de desenvolvimento dos sentidos (tato, visão, audição, paladar e olfato), da aquisição da linguagem e da evolução do raciocínio.

Fazendo uma pequena análise das teses apresentadas na obra Emílio, Rousseau inaugura, no pensamento de sua época a noção de desenvolvimento infantil. Constatamos que essa noção foi uma das maiores contribuições de Rousseau para a educação. Em sua concepção de infância, não cabia mais a visão de que a criança é um adulto em miniatura. A criança é um ser em fase especial de desenvolvimento. Portanto, os parâmetros a serem usados na compreensão da criança não poderiam ser os mesmos do homem adulto. O discernimento da criança e do adulto possui origens e funcionamentos distintos.

Se em cada fase a criança assumia um entendimento e uma expressão diferente, cabia, então ao preceptor, conduzir o processo educativo de acordo com as necessidades e possibilidades de cada uma dessas fases. Ao longo dos capítulos do livro Emílio ou Da Educação, Rousseau deixava nítidas recomendações feitas sobre temas como: a necessidade de experimentação sensorial, o desenvolvimento do raciocínio, a noção de tempo, e os hábitos e costumes civis que serão exemplificadas a seguir. Sobre a aprendizagem sensorial ele sugeria:

> A criança quer tocar em tudo, pegar em tudo: não vos oponha a essa inquietação; ela lhe sugere um aprendizado muito necessário. É assim que ela aprende a sentir o calor, o frio, a dureza, a moleza, o peso, a leveza dos corpos, a julgar sua grandeza, sua figura e todas as qualidades sensíveis, olhando, apalpando, escutando e principalmente comparando a visão com o tato, estimulando com os olhos a sensação que produziram em seus dedos (ROUSSEAU, 2004, p. 51-52).

Nos primeiros anos de vida todo o saber da criança provém das sensações, nada passou ainda pelo entendimento. A criança não estava isenta de nenhuma espécie de raciocínio. Mas, sim, seu raciocínio era de natureza imediata e estava ligado a eventos concretos. Como a criança pequena só atinge o nível de raciocínio sensível e imediato, cabia ao preceptor uma atenção especial na forma como se comunicava com ela. Nos primeiros anos de vida da criança a educação não deveria privilegiar as palavras, mas sim os atos.

Sobre a importância do tempo na educação das crianças, Rousseau dizia: os "defeitos de corpo e de espírito vêm quase todos da mesma causa: queremos ver as crianças homens antes do tempo" (ROUSSEAU, 2004, p. 150). Para evitar esses "defeitos", ele deixou um aviso aos preceptores: "a instituição das crianças é uma profissão em que é preciso saber perder tempo para poder ganhá-lo" (ROUSSEAU, 2004, p. 175). Ao educar as crianças, o preceptor precisava ter ciência de que em cada fase de vida certa aprendizagem era adquirida. Antecipar determinadas aprendizagens, em função de uma demanda social, era para Rousseau um grande equivoco. Este posicionamento pode ser evidenciado quando ele falava sobre o sono da razão.

> Deixai as exceções se revelarem, se provarem, se confirmarem muito tempo antes de adotar para elas métodos particulares. Deixai a natureza agir bastante tempo antes de resolver agir em seu lugar, temendo contrariar suas operações. Dizei que conheceis o valor do tempo e não quereis perdê-lo. Não vedes que perdeis muito mais empregando-o o mal do que fazendo nada, e que uma criança mal instruída.(...) Que diríeis de um homem que, para aproveitar toda a vida, não quisesse dormir nunca? Diríeis este homem é louco; não desfruta o tempo, mas perde-o; para fugir do sono, corre para a morte. Considerai, pois que nesse caso ocorre a mesma coisa, e a infância é o sono da razão (ROUSSEAU, 2004, p. 119).

Por fim, Rousseau solicitava que os preceptores, ou seja, aqueles destinados a contribuir com a orientação nos estudos, não cultivassem o estabelecimento de hábitos na educação das crianças. Sua meta ao fazer tal recomendação, era não permitir que as crianças se acomodassem fisicamente a rotina dos cuidados diários. Ele dizia:

> O único hábito que devemos deixar que a criança adquira é o de não contrair nenhum. Que não a carreguem mais sobre um braço do que sobre o outro, que não a acostumem a mostrar mais uma mão do que a outra, a se servir dela com maior frequência, a querer comer, dormir e agir às mesmas horas, a não poder ficar sozinha nem de dia nem de noite. Preparai à distancia o reinado de sua liberdade e o uso de suas forças, deixando em seu corpo o hábito natural, colocando-a em condições de sempre ser senhora de si mesmo (ROUSSEAU, 2004, p. 49).

A rotina e o costume, ou seja, os hábitos encobriam as reais necessidades naturais da criança. Os hábitos, particularmente os da Sociedade Civil, geravam acomodação e subserviência nas crianças. Ao negar a formação de hábitos, os preceptores estavam preparando a criança para o governo de sua liberdade e o uso de suas forças. Para que o corpo da criança se fortaleça era preciso deixá-lo ser conduzido apenas pelo hábito natural. Comparece aqui, novamente a tese defendida por Rousseau de que o homem só está sujeito à soberania da natureza e não dos costumes e convenções civis.

CAPÍTULO III

3. PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS PARA UMA EDUCAÇÃO RENOVADA A PARTIR DA CONCEPÇÃO EDUCACIONAL ROUSSEANIANA

O modelo de educação que nos remete o pensamento de Rousseau, "O homem nasce bom e a sociedade o corrompe", instaura no pensamento moderno, um novo conceito para a educação. Este indivíduo por nascer bom merece ter uma educação de qualidade, sendo observado todo um contexto envolvendo família, cultura, aquilo que se traz de bagagem, enfim, ver o indivíduo como um todo.

É interessante percebermos que a Educação avança cada vez mais para águas profundas, observando é claro todo o contexto social, político, religioso, moral etc. Fazendo um estudo sistemático de maneira filosófica sobre o tema em discussão, encontramos o seguinte conteúdo:

> Em geral, designa-se com esse termo a transmissão e o aprendizado das técnicas culturais, que são as técnicas de uso, produção e comportamento mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto, de modo mais ou menos ordenado e pacífico. Como o conjunto dessas técnicas se chama cultura, uma sociedade humana não poderá sobreviver se sua cultura não for transmitida de geração para geração; as modalidades ou forma de realizar ou garantir essa transmissão chamam-se educação (ABBAGNANO, 2007, p. 357).

A educação hoje não pode fazer a criança escrava do conhecimento, mas livre para expressá-lo nas mais diversas áreas. No mundo atual cada vez mais percebemos uma educação voltada para a busca do conhecimento, sendo que os personagens principais são professores e alunos, cada qual desempenhando com maestria sua função. Mas voltando um pouco na história, percebemos um pensamento de Rousseau que deve ser para nós uma provocação diante dos desafios encontrados na formação humana. A virtude não é razão procedimental, mas sentimentos que formam a voz interior guiados por um tipo de razão não meramente procedimental. Entendemos isso na seguinte citação, onde Rousseau, aconselha Emílio já na idade adulta, num ato como se a sua consciência em formação fosse agora totalmente entregue a Emílio: Vejamos o que ele afirma:

> [O homem virtuoso] (...) é aquele que é capaz de vencer suas afeições [paixões], pois então ele segue a razão, a consciência; faz seu dever, mantém-se na ordem e nada o pode afastar dela. Até agora eras livre em aparência; tinha somente a

> liberdade precária de um escravo a quem nada foi ordenado. Sê, agora, livre de fato; aprende a te tornares teu próprio senhor; governa teu coração, Emílio, e serás virtuoso (ROUSSEAU, 1995, p. 656).

Ao escutar a voz da consciência, nos afastamos do amor próprio egoísta e que coloca as necessidades individuais acima dos outros, e nos tornamos virtuosos. Preocupando com aquilo que nos é realmente importante para a vida individual e social, nos afastamos dos preconceitos morais e de toda depravação contida na sociedade à época de Rousseau. Dentro do quadro assim delineado é de se destacar que na pedagogia do século XX, em especial em sua segunda metade, o conceito de Educação acentuou a dimensão formadora:

> A educação passou a ser vista como um processo de humanização, que não diz respeito apenas ao crescimento em termos de desenvolvimento nem atinge apenas a pessoa, considerada individualmente, mas dura toda a vida (motivo pelo qual a pedagogia se apresenta como teoria da Educação permanente em referencia às diferentes idades), e diz respeito ao homem tanto em sua individualidade (donde a pedagogia tende a ser clínica), quanto nas formações sociais em que a pessoa se realiza (donde a pedagogia caracterizar-se como social) (ABBAGNANO, 2007, p. 358).

Percebemos que o processo de ensino aprendizagem está muito mais avançado e sistemático do que na época em que Rousseau se referia à maneira de se educar uma criança. Claro que Rousseau desejava que a criança adquirisse uma autonomia progressiva e o sentido da liberdade, assim, ela poderia aprender a substituir o capricho pela necessidade, o desejo pela lei. Sua razão se fortalecerá por si mesma: por ser esclarecida pelas leis eternas da natureza, ela permanece sadia e não se aliena às paixões humanas, ao contrário da razão raciocinante do homem depravado pela sociedade.

> A ampliação dos conceitos de Educação, além de ter valor quantitativo (não só a infância mas também as outras fases do desenvolvimento, não só o indivíduo mas também as comunidades), tem também e sobretudo valor qualitativo, no sentido de que a Educação do indivíduo e da infância passa a ser formulada de um modo novo à luz dos conceitos de Educação permanente e de sociedade educadora. Daí o imperativo a que pode ser reduzida a Educação contemporânea: o de "aprender a ser", de "aprender a aprender": tarefa que dura toda a vida e envolve indivíduos e instituições (ABBAGNANO, 2007, p. 358).

É na infância que a criança dar os primeiros passos para desenvolver seu processo de conhecimento, para assim compreender-se a si mesma e o mundo que a cerca, e o ensino-aprendizagem tem como função básica desenvolver um ser humano com liberdade e com valores morais. Rousseau queria uma sociedade em que as pessoas fossem não apenas livres e iguais, mas também soberanas, isto é, que tivessem um papel ativo dentro do contexto geral.

Para isso, além de um contrato justo, seria preciso ensiná-las a ser livre, autênticas e autônomas, e essa tarefa deveria partir da educação das crianças.

> A educação proposta por Rousseau buscava, por todos os meios, destruir o que a sociedade civil construiu. O princípio fundamental dessa educação era romper com o modelo de relação estabelecida entre os homens, que tinha como base a dominação e, por conseguinte, a servidão. No entendimento de Rousseau, "o capricho das crianças nunca é obra da natureza, mas sim de uma má disciplina, que faz com que obedeçam ou mandem, já disse cem vezes que não devem fazer nem uma coisa nem outra" (ROUSSEAU, 2004, p. 142).

Rousseau discordava tanto dos adultos que impunham às crianças suas vontades à força, como dos que faziam todas as vontades da criança, mimando-a em demasia. Nossos educadores atuais assim como Rousseau, devem analisar todo o processo de ensino-aprendizagem que envolve a criança, assim como os prejuízos outrora ocasionados por uma educação não sistemática, criativa e didática.

> Ao nascer, uma criança grita; sua primeira infância passa chorando. Ora a sacodem e mimam para acalmá-la, ora a ameaçam e lhe batem para que fique quieta. Ou lhe fazemos o que lhe agrada, ou exigimos dela o que nos agrada; ou nos submetemos às suas fantasias, ou a submetemos às nossas: não há meio termo, ela deve dar ordens ou recebê-las. Assim, suas primeiras ideias são as de domínio e de servidão. Antes de saber falar ela dá ordens, antes de poder agir ela obedece e, às vezes, castigam-na antes que possa conhecer seus erros, ou melhor, cometê-los. É assim que cedo vertemos em seu jovem coração as paixões que depois imputamos à natureza, e após nos termos esforçado para torná-la má, queixamo-nos de vê-la assim (ROUSSEAU, 2004, p. 26).

Os educadores, no entendimento de Rousseau, jamais deveriam infligir às crianças o castigo como castigo. As punições deveriam chegar até as crianças como uma consequência natural de sua má ação. A sua rejeição ao castigo, como método educacional, foi explicitada no momento em que ele refletia sobre as mentiras das crianças. Rousseau recomendava aos preceptores que ao identificar uma mentira não fizessem declarações contra a ela, nem tão pouco punissem a criança por ter mentido.

> O importante é que a criança sentisse todos os efeitos da mentira, como por exemplo: "não se acreditar nelas quando dizem a verdade, o de serem acusadas pelo mal que não fizeram, mesmo se defendendo, juntem-se sobre suas cabeças quando mentido. Mas expliquemos o que é mentir para as crianças" (ROUSSEAU, 2004, p. 109).

Na passagem dos vidros quebrados, descrita no livro II do Emílio, Rousseau novamente deixou claro o princípio de seu método educativo. Mesmo em uma situação extrema, ele não se desviou dos princípios de sua educação. Assim, enfrentou hipoteticamente a teimosia e a agressividade da criança, sem se valer de métodos coercitivos. E mais, transformou este episódio numa inusitada oportunidade de aprendizagem como o texto abaixo demonstra:

> Vosso filho díscolo estraga tudo o que pega. Não vos aborreçais. Ponde fora de seu alcance o que ele puder estragar. Ele quebra os móveis que usa; não vos apresseis em lhe dar outros, deixai que sinta o prejuízo da privação. Ele quebra as janelas de seu quarto; deixai que o vento sopre sobre ele noite e dia sem vos preocupardes com o resfriado, pois é melhor que ele esteja resfriado do que louco. Nunca vos queixeis dos incômodos que ele vos causa, mas fazei com que seja o primeiro a sentir. Por fim, mandai repor os vidros, sempre sem dizer nada. Quebra-os mais uma vez? Mudai, então, de método. Dizei-lhe secamente, mas sem cólera: as janelas são minhas, foram postas ali por minha ordem, e eu quero protegê-las. Depois vós o trancareis no escuro, num lugar sem janelas. Diante desse novo procedimento, ele começa a gritar, por trovejar, ninguém o escuta. Logo ele se cansa e muda de tom. Queixa-se e geme; um doméstico aparece, o rebelde pede-lhe que o solte. Sem procurar pretexto para nada fazer, o doméstico responde: Tenho também vidros para consertar, e vai embora. Finalmente, depois que a criança tiver ficado ali por várias horas, tempo bastante para se aborrecer e para não esquecer, alguém lhe sugerirá que vos proponha um acordo por meio do qual vós lhe restituiríeis a liberdade e ela não quebraria mais vidros.(...) E depois, sem lhe pedir nem declaração, nem conformação de sua promessa, vós a beijareis com alegria e a conduzireis imediatamente até seu quarto, encarando esse acordo como sagrado e inviolável, tanto quanto se tivesse sido jurado. Que idéia pensais que a criança terá a partir desse caso, sobre a fé dos compromissos e sobre a sua utilidade? (ROUSSEAU, 2004, p. 108).

Rousseau deixou diversas contribuições importantes para uma educação profícua direcionada as crianças. Com relação a sua proposta educativa, Rousseau deixou ainda dois alertas para os preceptores. No primeiro alerta, ele recomendava que não se devesse encorajar a rebeldia de uma criança. Ela não devia ser incitada a bater, ainda que seja por brincadeira. Pois, de acordo com sua visão: "aquele que quer bater quando jovem vai querer matar quando grande" (ROUSSEAU, 2004, p. 103). Da mesma forma que a agressão não devia ser estimulada, o preceptor não deveria agir, nem tão pouco, atribuir um valor positivo às atitudes impetuosas e coléricas que vinham dos demais adultos. Sobre essas atitudes e a impressão que causa nas crianças, ele dizia:

> As paixões impetuosas produzem um grande efeito na criança que a presencia, pois elas têm sinais muito sensíveis que impressionam e a força a prestar atenção. A cólera, principalmente, é tão ruidosa em seus arroubos que é impossível não percebê-la estando por perto. (...) A criança vê um rosto excitado, olhos brilhantes, um gesto ameaçador, ouve gritos; são todos sinais de que o corpo não vai bem. Dizei-lhe isso, tranquilamente, sem mistério: este pobre homem está doente, sofre um acesso de febre (ROUSSEAU, 2004, p, 101).

3.1. Um projeto de educação sistemático e responsável

Um projeto educacional representa sempre uma determinada visão de mundo e de homem. Hobbes entendia o homem como um ser destrutivo por natureza. Na sua visão, cada homem era inimigo nato dos demais, pois este só encontrava o seu bem fazendo o mal aos demais. Portanto, para que a vida em sociedade fosse uma realidade viável, era necessário que poderosos mecanismos de coerção fossem criados para inibir os efeitos dessa natureza

humana. Rousseau, ao contrário de Hobbes, apostava na bondade original do homem. A liberdade, a igualdade e o respeito às forças imponderáveis da natureza eram, para ele, os maiores valores do mundo. No entanto, esses valores foram aos poucos corrompidos pela sociedade civil.

> Deste modo, a criança que foi criada numa sociedade civilizada vai perdendo o contato com seus instintos naturais e sentimentos à medida que eles vão sendo reprimidos ou à medida que ela aprende, através de uma série de normas e conceitos abstratos, a não revelar certas emoções e a fingir outras. O resultado é a perda de contato consigo mesma e a necessidade de mostrar-se diferente do que realmente é. Depois vêm a falsidade, a hipocrisia e todos os outros vícios: "Um homem abandonado a si mesmo, desde o nascimento, entre os demais seria o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que nos achamos submersos abafariam nele a natureza e nada poriam no lugar" (CHALITA, 2004, p.282).

A educação de Emílio tem como princípio fundamental o rompimento com o padrão relacional da Sociedade Civil, em que uns dominam e outros são subjugados. O aluno de Rousseau não aprenderia a dominar nem tão pouco obedecer. Por tal princípio, todos os métodos coercitivos de educar são rejeitados. Os mecanismos de controle externo eram antagônicos aos objetivos de Rousseau, pois o que se pretendia era que, desde pequena, a criança caminhasse no sentido de conquistar o seu autocontrole. A criança não seria submetida às vontades absolutas do adulto, ainda que esses fossem seus pais ou preceptores, nem tão pouco submeteria os adultos às suas vontades e fantasias. No entendimento de Rousseau, só dois valores são inalienáveis ao homem: a vida e a liberdade. Pois, esses são dons que advém da natureza.

Desde o nascimento, a criança está em permanente processo de aprendizagem. Antes mesmo da aquisição da linguagem. As coisas, as pessoas e suas reações são fontes contínuas de ensinamentos. Rousseau ilustra essas aprendizagens precoces ao discutir as reações dos adultos sobre o choro dos bebês. Os adultos ora agiam com violência, coagindo as crianças; ora as balançavam e mimavam para que ficassem quietas e em silêncio. Diante disso, ele fez algumas interrogações. Por que o choro, que é a primeira linguagem da criança, despertava comportamentos antagônicos? Por que a criança tem que ser silenciada? E por que não ensiná-la a suportar as adversidades? Ele mesmo respondeu essas questões dizendo:

> É pelo efeito sensível dos sinais que as crianças avaliam seu sentido, não há outra convenção para elas; quando uma criança se machuca é muito raro chorar se estiver sozinha, a menos que tenha a esperança de ser ouvida. Se cair, se ficar com um galo na cabeça, se sangrar pelo nariz, se cortar os dedos, em vez de agitar ao seu redor com um jeito alarmado, ficarei tranquilo, pelo menos por um tempo. O mal está feito, é uma necessidade que ela o suporte; toda a minha diligência só serviria para

> assustá-la ainda mais e aumentar sua sensibilidade (...). É nessa que se tomam as primeiras lições de coragem e, suportando sem pavor as dores leves, aprende-se aos poucos a suportar as grandes. (...) Longe de estar atento a evitar que Emílio se machuque, eu ficarei muito aborrecido se ele nunca se ferisse e crescesse sem conhecer a dor. Sofrer é a primeira coisa que ele deverá aprender, e a que ele terá necessidade de saber (ROUSSEAU, 2004, p. 70).

Essa passagem evidencia a importância da criança suportar a dor e que o sofrimento é uma aprendizagem necessária. Ao defender que a criança deveria passar por sofrimentos, Rousseau estaria contradizendo suas próprias palavras? Pois na fase seguinte ele diz exatamente o contrário: "por que quereis encher de amargura e de dores esses primeiros anos tão velozes, que não mais voltarão para eles, assim como não voltarão para vós? (...) Assim que eles puderem sentir o prazer de existir, fazei com que o gozem; fazei com que, a qualquer hora que Deus chamar, não morram sem ter saboreado a vida" (ROUSSEAU, 2004, p. 72 e 73). Para que não se firme uma falsa contradição, é importante esclarecer sobre os sentimentos de dor e sofrimento dos quais Rousseau estava se referindo na passagem anterior. Uma outra citação do livro Emílio pode ajudar neste esclarecimento:

> Se eu tivesse dúvida de que o sentimento do justo e do injusto é inato no coração do homem, só esse exemplo já me teria convencido. Tenho certeza de que, se um tição ardente tivesse caído por acaso na mão daquela criança, teria sido para ela menos doloroso do que aquele golpe leve, mas deferido com a intenção manifesta de atingi-la (ROUSSEAU, 2004, p. 54).

As dores que deveriam ser enfrentadas pelas crianças, na visão de Rousseau, eram as que tinham origem nas forças imponderáveis da natureza. O homem, como a criança, precisava compreender que a natureza era soberana e que era preciso respeitar os limites que essa soberania impunha. Os ferimentos, as doenças naturais, as perdas físicas ou espirituais, a morte precisavam ser enfrentadas pelo homem. Por isso, o exemplo do tição ardente, que por acaso cai na mão da criança, é tão pertinente. A criança sente mais a dor quando ela percebe intenção de alguém em machucá-la. Rousseau, em seus escritos, jamais defendeu a utilização da dor e do sofrimento como recurso pedagógico.

> Nenhum adulto deveria infligir intencionalmente dores e sofrimentos a uma criança com a finalidade de subjugá-la. Mas a criança deveria enfrentar e suportar a dor que se originava de suas próprias ações. A liberdade tem um preço a ser pago. Ou seja, para exercê-la é preciso correr risco e assumir consequências. Para Rousseau, o bem-estar da liberdade compensava qualquer sofrimento. O seu "aluno muitas vezes terá contusões; em compensação, estará alegre. Se vossos filhos se machucam menos, estão sempre contrariados, sempre presos, sempre tristes. Duvido que a vantagem esteja de seu lado" (ROUSSEAU, 2004, p. 71).

A principal metodologia utilizada na educação de Emílio era a experimentação e, por conseguinte, as consequências que dela resultar. Os obstáculos físicos ou as punições deveriam sempre nascer das próprias ações do indivíduo. Na educação proposta por Rousseau pouca importância tinha a noção de certo e de errado. Claro que na conjuntura atual, se há de perceber que temos diante dos mecanismos de defesa muitas vezes usados pelos alunos, o certo e o errado. A conduta da criança deveria ser dirigida por suas próprias forças, nos diz Rousseau. Ou seja, o controle deveria ser interno. A liberdade só prevalece realmente se as ações da criança forem conduzidas por um entendimento consciente e não pelo medo das consequências externas. A criança, como o homem, não deveria ser controlada pela opinião pública. Eis aqui a principal tarefa do preceptor: fortalecer a criança para que um dia ela tenha condições de agir de acordo com suas necessidades reais e assumir as consequências de sua liberdade. Ao fim e ao cabo, o que realmente a educação de Rousseau pretendia era resgatar a inteireza do homem – que ele fosse "tudo para si mesmo, fosse uma unidade numérica que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante" (ROUSSEAU, 2004, p. 11). E para reafirmar essa pretensão, façamos uso mais uma vez das palavras de Rousseau:

> Sempre em contradição consigo mesmo, sempre passando das inclinações para os deveres, jamais será nem homem para si mesmo, nem para os outros. Será um desses homens de hoje, um francês, um inglês, um burguês; não será nada. (...) Para ser alguma coisa, para si mesmo e sempre uno, é preciso agir como se fala; é preciso estar sempre decidido a respeito do partido a tomar, tomá-lo abertamente e continuar sempre com ele (ROUSSEAU, 2004, p. 12).

CONCLUSÃO

O tipo de educação descrito por Rousseau, há séculos, com algumas ressalvas, ainda continua atual. Podemos aplicar o seu pensamento à sociedade de consumo e à corrupção, que não possui liberdade. Numa sociedade em que os meios de comunicação estão voltados para nos influenciar somente naquilo em que podemos ter e não na informação, não atingimos o ideal de educação de "Emílio". Os meios de comunicação refletem o tipo de ordem social que vivemos.

Emana também da sociedade de consumo o tipo de educação que temos. Nossa educação reflete a sociedade de consumo e forma indivíduos para essa sociedade. Alienados, os indivíduos que aí vivem não são livres e são escravos morais daquilo que eles podem comprar. É papel dos educadores refletirem, em sua prática, se eles são capazes de formar indivíduos autônomos perante a sociedade de consumo. Contudo, Rousseau visava à formação do homem, e não somente do ser cidadão para viver na sociedade capitalista como ocorre nos dias atuais. Com isto surge um questionamento: **É por este motivo então que a educação brasileira encontra-se defasada, isto está se dando por conta dos objetivos que se quer atingir?** Esse pode ser um, dos diversos motivos para este problema, porém deve-se também em consideração a falta de investimento financeiro por conta do governo, o desinteresse por conta dos alunos e professores, e diversos outros.

Enfim, o educador deve estar preparado para identificar os diversos tipos de personalidade e de formas de vida que recebe em sala de aula e reelaborá-las na preparação para o convívio social em que os alunos já estão inseridos e que precisa ser repensado. Esperamos que com o passar do tempo tenhamos professores compromissados cada vez mais com uma educação de qualidade, tendo sempre o aluno como peça fundamental e colaborador direto neste processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia/Nicola Abbagnano; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, T. "Educação e Emancipação". São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da Educaççao/Maria Lúcia de Arruda Arranha. - 3. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Moderna, 2006.

BARAQUIN, Noëlla. Dicionário universitário dos filósofos/Noëlla Baraquin, Jacqueline Laffitte; tradução Eduardo Brandão; revisão técnica Jacira de Freitas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BITTAR, Eduardo C. B. Curso de Filosofia Política/Eduardo Bittar C. B. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

CHALITA, Gabriel. Vivendo a filosofia. 2 ed. São Paulo: Atual, 2004.

DALBOSCO, C. A. "O Iluminismo Pedagógico de Rousseau". 31° Encontro da ANPEd, 2008. Disponível em http://www.anped.org.br/. Acesso em: 25 maio 2012.

HUISMAN, Denis . Dicionário dos filósofos. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia: de Spinoza a Kant. Vol. 4. São Paulo: Paulus, 2004.

ROUSSEAU, J.-J. "Emilio – Ou da Educação". São Paulo: Martins Fontes, Col. Paidéia, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Os Pensadores. 2 ed. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

ROUSSEAU, J.-J. "Discurso - Se o restabelecimento das ciências e das artes contribuiu para purificar os costumes". Disponível em http://www.scridb.com/doc/2520265/JeanJacques-Rousseau-Discursosobre-as-ciencias-e-as-arte>. Aceso em 25 maio 2012, Ed. Desconhecida, Ano desconhecido.

ROUSSEAU, Jean-Jacques (1974). Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastidf e Lourival Gomes Machado. Coleção "Os Pensadores". São Paulo: Abril Cultural.

SANTOS, A. P. "O Pensamento Pedagógico de Rousseau e a Educação na Infância". Disponível em http://www.pesquisa.uncnet.br/>. Acesso em 25 maio 2012.

_____(2004). Emílio, ou Da Educação. Tradução Roberto Leal Ferreira. – 3ª ed. Coleção Paidéia. São Paulo: Martins Fontes.